



**O LIVRO DIDÁTICO E AS SUAS IMPLICAÇÕES NA EDUCAÇÃO
DE JOVENS E ADULTOS (EJA): ESTUDO DE CASO DE UMA
ESCOLA PÚBLICA DE FEIRA DE SANTANA - BA**

Adson dos Santos

Universidade Estadual de Feira de Santana – adsongeo@yahoo.com.br

Ariane Conceição Leite

Universidade Estadual de Feira de Santana - ari_aneleite@yahoo.com.br

Daiane Correia de Vasconcelos

Universidade Estadual de Feira de Santana - daianevasconcelos@yahoo.com.br

Tânia das Graças de Souza Teixeira

Universidade Estadual de Feira de Santana - taniast2009@hotmail.com

Maria Amélia Silva Nascimento

Orientadora. Universidade Estadual de Feira de Santana - masn_22@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo pretende discutir sobre a relevância do livro didático nas turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) numa escola da Rede Estadual de Ensino da cidade de Feira de Santana. Nesse âmbito, a pergunta que guia a pesquisa é: De que maneira o livro didático pode interferir na construção do conhecimento geográfico pelos estudantes da EJA? Para tanto, elencamos os seguintes objetivos: Geral: Compreender a relevância do uso do livro didático na construção do conhecimento geográfico nas turmas da EJA. Quanto aos específicos são eles: Diagnosticar se o livro didático faz parte da proposta curricular da EJA na escola-campo; Conhecer os processos de ensino-aprendizagem nas aulas de Geografia nas turmas da EJA. No que se refere à construção do conhecimento geográfico, tendo como suporte o livro didático, considerado um apoio necessário ao trabalho pedagógico, buscamos fundamentos nas obras de Castrogiovanni (2002) e Straforini (2006), que deram subsídios teóricos para fazer-se algumas considerações acerca da construção e da finalidade do conhecimento geográfico, bem como a sua relação com o livro didático. Para atingir os objetivos propostos foi realizada uma atividade de campo, observação das aulas, aplicação de questionários e entrevistas, análise e sistematização dos dados coletados, que evidenciaram muitas questões importantes para a construção desse trabalho.

Palavras-chave: Construção do conhecimento geográfico, Educação de Jovens e Adultos, Ensino público, Livro didático.



1. Introdução e justificativa

Este artigo é resultado de uma atividade interdisciplinar envolvendo as disciplinas Didática I e Metodologia do Ensino de Geografia I, que são ofertadas, simultaneamente, aos alunos do 4º semestre do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. Cujas solicitações foram que os estudantes das referidas disciplinas realizassem observações diretas nas escolas, de preferência da rede pública de ensino na cidade de Feira de Santana - BA.

A escola observada pertence à Rede Estadual de Ensino de Feira de Santana, funciona nos períodos diurno e noturno, atendendo à aproximadamente 1.300 (mil e trezentos) alunos, sendo que destes, cerca de 280 estudam no noturno. Em sua grande maioria, são moradores do bairro em que a escola se situa e também dos bairros circunvizinhos.

As observações foram realizadas durante o período noturno nas turmas da Educação de Jovens e Adultos – EJA, no entanto, nesse mesmo espaço físico e turno também funcionam turmas de ensino regular. Nesse contexto, cabe lembrar que é sempre necessário direcionar uma atenção especial para os casos que envolvem as turmas da EJA, visto que essa modalidade de ensino se trata de uma ação política que visa reduzir os impactos de uma educação excludente do Brasil e tem início em 2004, a partir do estabelecimento da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD).

Foram observadas duas turmas da EJA (Educação de Jovens e Adultos), ambas apresentam públicos semelhantes, ou seja, pessoas adultas, jovens, e alguns adolescentes; as turmas são compostas majoritariamente pelo sexo feminino; algumas pessoas casadas; e muito dos estudantes, de ambos os sexos, tem filhos e/ou trabalham durante o dia. O ponto observado que instigou a elaboração deste artigo foi: a ausência do livro didático para as turmas da Educação de Jovens e Adultos. Imediatamente surgiu o questionamento que norteia o desenvolvimento desse artigo: De que maneira o livro didático pode interferir na construção do conhecimento geográfico pelos estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA)?



Para tanto elencamos os seguintes objetivos:

Geral:

- ✓ Compreender a relevância do uso do livro didático na construção do conhecimento geográfico nas turmas da Educação de Jovens e Adultos – EJA.

Específicos:

- ✓ Diagnosticar se o livro didático faz parte do da proposta curricular da EJA.
- ✓ Conhecer os processos de ensino-aprendizagem nas aulas de Geografia nas turmas da EJA da escola-campo.

Sabemos que o livro didático é um instrumento de assistência para a vida do estudante. Os estudantes observados da turma da EJA tinham problemas implícitos com relação a esta ausência. Muitos destes alunos não conseguiam se identificar como estudantes, e os poucos que conseguiram se identificar, afirmavam/acreditavam que o fato de não possuírem um livro, como os estudantes das turmas de ensino regular, é uma comprovação da sua inferioridade dentre a “classe estudantil”. Assim, o livro didático é um suporte importante tanto para o trabalho do professor, quanto para a construção do conhecimento dos estudantes. Muitas são as críticas direcionadas à forma como o livro didático é selecionado e utilizado, ainda assim nenhuma delas banaliza a importância do mesmo.

Para tanto buscaremos em Castrogiovanni (2002), Pinto (1989), Straforini (2006) e Zabala (1998), os fundamentos necessários sobre alguns aspectos da educação, bem como o ensino de geografia. Quanto à metodologia, fizemos algumas reflexões sobre o estudo de caso com base nas produções de André (2002) e Júnior, Loboda e Pereira (2010).

2. Referencial teórico

No contexto atual é importante que o educando compreenda as constantes transformações que acometem os mais variados setores da sociedade, intervindo significativamente no campo educacional. Assim, a escola tem o papel de auxiliar na formação de um ser crítico, reflexivo e atuante na sociedade a qual está inserida.



IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

A Geografia na escola é muito mais que uma simples disciplina, principalmente quando os conteúdos dos currículos são contextualizados com os acontecimentos do cotidiano e associados com as experiências empíricas dos estudantes. É desta forma que os conteúdos tornam-se proveitosos para a vida dos alunos, pois, de acordo com Castrogiovanni (2002), existem objetivos explícitos para a disciplina de Geografia e, ao atender estes objetivos, o conhecimento geográfico deixa de ser somente teórico.

A Geografia escolar, para dar conta desse objetivo de estudo, deve lidar com as representações da vida dos alunos, sendo necessário sobrepôr o conhecimento do cotidiano aos conteúdos escolares, sem distanciar-se, em demasia, do formalismo teórico da ciência. (CASTROGIOVANNI, 2002, p. 7)

As questões visualizadas nas turmas da EJA assemelham-se com as levantadas por Straforini (2006), visto que, este autor contextualiza tanto o cenário vigente em que a Geografia se encontra quanto explica o porquê da importância da Geografia para a vida no contexto atual.

A ideologia da Educação de Jovens e Adultos surge como uma necessidade no período atual – caracterizado por Straforini (2006) como o espaço temporal entre o passado e o futuro –, e tem por objetivo oportunizar a pessoas que no passado não tiveram condições de terminar seus estudos, ou mesmo se alfabetizar. Dessa forma, a EJA pretende amenizar este problema no período atual.

De acordo com a LDB (1996), esta modalidade de ensino possui um público específico, que é justificado por três principais motivos: ingresso no mercado de trabalho de forma precoce; repetência; evasão escolar, conforme regulamenta a artigo a seguir:

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.



IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

§ 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

O currículo da EJA é centralizado no assunto globalização, que, segundo Straforini (2006), reflete com maestria os acontecimentos do período atual, entretanto percebemos que este assunto para estas turmas é repassado de maneira equivocada, dissociada da realidade vivenciada pelos alunos, o que suscita a apatia pela disciplina pelos mesmos. Esse desinteresse pela Geografia que acomete os alunos tanto da EJA quanto de outras modalidades de ensino, é possível de ser compreendido através de três “caminhos” identificados por Straforini (2006).

O primeiro caminho é o contexto político-educacional, de onde o meritismo e o neoliberalismo, são utilizados para motivar os estudantes. Contudo, estas práticas também incentivam a individualidade entre os estudantes. Outro ponto é que, para as turmas da EJA, estas ideologias não se aplicam, pois ao dialogar com os estudantes e com a professora, percebemos que os mesmos não se identificam se quer como estudantes.

Durante as observações, a professora confessou que costuma iniciar as aulas de Geografia com um discurso sobre a importância de estudar e ode ser estudante. A mesma explicou o porquê da centralidade de conteúdo.

Tentado uma aproximação com a realidade vivenciada pelos estudantes, a Secretaria de Educação, centralizou o conteúdo, indiscriminadamente. Foram retirados os conteúdos que focam os aspectos físicos, os estudantes não têm nenhuma noção cartográfica. (Professora 1)

Esta tentativa de aproximação com a realidade do estudante é característico da perspectiva Crítica da Geografia. A partir da análise do material usado nas aulas, percebeu-se uma relação dos conteúdos com a tendência Crítica Marxista que, segundo Braga (2006), prioriza explicar a organização e as alterações dos espaços, políticos, econômicos e sociais, baseado na Teoria de Marx, que enfatiza questões como Trabalho, Estrutura de Social, Classes sociais entre outros.



IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

Aparentemente estes conteúdos são coerentes, porém a forma como se trabalha acaba por não satisfazer os pressupostos estabelecidos por esta tendência, que é explicar a organização espacial. Por esta razão, Straforini (2006), identifica que este erro de interpretação da tendência é outro “caminho” que leva ao desinteresse pela Geografia.

O ultimo caminho que o autor identifica são os métodos utilizados para o ensino de Geografia e apesar da crítica que faz ao livro didático não repudia o seu uso. A crítica que o mesmo direciona a este recurso é que ele não deve exercer a mesma função da tendência Positivista, pois, com o advento da globalização, o mundo e a configuração dos espaços tornaram-se muitos mais dinâmicos, resultando no aumento da possibilidade de desatualização do material com mais rapidamente.

A educação é um processo que tem como característica a relação com a existência humana, a qual está alinhada a gerações como é descrita por Pinto (1909). Porém, para a pedagogia, a educação vem atrelada no seu sentido de fases do desenvolvimento infantil e juvenil. Nessa perspectiva, a educação vem buscar uma justificativa para a problemática sociológica da Educação de Jovens e Adultos, visto que, a educação é para toda a vida humana e a sua relação em todos os seus aspectos.

Os alunos da EJA têm características interessantes atreladas à transformação da sociedade a qual vai mudando de acordo com a sua existência e perante a capacidade de ação e de trabalho. Pois, o indivíduo tem um conhecimento já formado e a educação visa o todo social além de seu benefício. Aproveita a capacidade de trabalho para se especializar trazendo, em si próprio, um auxílio para a transformação na diversidade e do trabalho social. Logo, o ato de educar diferencia-se, da modalidade infantil para a de adultos, no desenvolvimento fisiológico e psicológico do indivíduo. Caso contrário, o homem adulto teria uma educação infantilizada, trazendo assim problemas nas questões pedagógicas.

O profissional de educação que trabalha com adultos deve perceber e entender que os seres aos quais se relacionam são normais perante a sociedade como bem diz Pinto (1989, p. 82): -

O educador de adultos tem que admitir sempre que os indivíduos com os quais atua são homens normais e realmente cidadãos úteis. Tem que considerar o educando não como um ser marginalizado, um caso



IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

de anomalia social, mas, ao contrário, como um produto normal da sociedade em que vive.

Percebe que a educação de adultos visa o exercício para uma comunidade menos elevada, no entanto, tem atributos não só para o trabalho, mas para ações voltadas para a sua existência, cuja, mesmo tendo essas características homogêneas tem sua importância na expressão do pensamento. Diante da transformação da sociedade a educação de adultos é imprescindível para as mudanças culturais e não para uma educação formal, pois, eles já são estudantes e a educação escolar é para uma atuação perante a economia. Sendo que o mesmo tem influencia em sua própria comunidade vigente, portanto é importante instruí-lo para uma atuação. O que move assim a educação são os interesses dos grupos.

O papel do educador é buscar métodos críticos para que o educando tenha a oportunidade de se aperceber de forma crítica e através da mediação o meio ao qual está inserido, descobrindo referente a cultura e material como aborda Pinto (1989, p. 84), “Nestas condições ele descobrirá as causas de seu atraso cultural e material e as exprimirá segundo o grau máximo o grau de consciência máxima possível em sua situação.”

Para que se obtenham bons resultados na aquisição do conhecimento nas turmas da EJA é necessário proporcionalizar o senso crítico do aluno a partir da sua realidade de mundo, ocorrendo assim, a compreensão de mundo no qual o próprio indivíduo vive e provocando no mesmo a participação na sociedade no ambiente de trabalho que frequenta. Através de métodos não impostos pelo docente, mais sugeridos e articulados com palavras motivadoras alinhadas a realidades dos alunos devendo ser abordados em todas as etapas. Como é referendado por Pinto (1989, p. 87): “O mesmo raciocínio é válido para as etapas posteriores do processo educacional, depois da alfabetização”.

Na valorização do conhecimento baseado no senso comum é um método ensino que é significativo e que o docente dentre as realidades dos alunos vise às relações em detrimento das experiências vividas em diversos lugares do âmbito de conhecimento do aluno, por meio de veículos de comunicação e de sistemas de informações, propondo cuja, uma educação de forma global contribuindo assim para o intelecto do mesmo.



3. Metodologia

Os métodos de elaboração a serem empregados neste artigo são qualitativos, pois objetiva-se “identificar as motivações que levam os sujeitos sociais ao exercício de suas práticas espaciais, sendo importante à fundamentação de elementos que sustentem a produção de um discurso capaz de representar o posicionamento de todo o segmento social” (JUNIOR; LOBODA; PEREIRA, 2010, p. 3). Assim, este método possibilitou a análise da relação existente entre estudante da Educação de Jovens e Adultos e a ausência do livro didático como recurso de assistência para a construção do seu conhecimento.

Para a construção deste artigo/pesquisa foi realizado levantamento, seleção, análise de material bibliográfico sobre as temáticas abordadas no artigo, tais como: Construção do conhecimento geográfico; Educação de Jovens e Adultos; Ensino público; Livro Didático; entre outros.

Mesmo com uma Carga Horária considerada pequena para um ato de pesquisa, durante as observações foram inúmeros olhares e anotações. Desse modo, consideramos que observação são muito importantes, pois a partir dela que lançamos diferentes olhares para um mesmo objeto.

Uma das ações mais importantes durante este processo de observação em campo, foi a observação da prática docente, que consiste na observação da professora durante a aula. Durante a observação do desempenho da professora mediante a sua turma pouco motivada, com carência em recursos didáticos, tornou-se possível compreender que “a melhoria da nossa atividade profissional, como todas as demais, passa pela análise do que fazemos, de nossa prática e do contraste com outras práticas. Mas certamente a comparação com outros colegas não será suficiente” (ZABALA, 1998, p. 13).

Outro recurso importante foi o roteiro de observação, disponibilizado pelas orientadoras. Com base nas orientações desse material, a observação foi desenvolvida com sucesso, algumas estratégias para coleta de dados no período noturno foram utilizadas, a exemplo da aplicação de questionários e entrevistas orais com professores e



alunos e posteriormente ocorreu a sistematização dos dados coletados e análise das falas e práticas, tanto dos professores quanto dos alunos.

4. Discussão dos resultados

A observação das aulas permitiu visualização da dificuldade oriunda da falta do livro didático, sendo o ponto de partida para a construção deste artigo. A ausência do livro didático na EJA manifesta-se como um problema de ordem política. Há alguns anos atrás com pouco tempo de implantação da EJA todos os livros eram disponibilizados para esta modalidade de ensino. No ano de 2009 os livros foram editados em volume único, em modelo multidisciplinar e atualmente os livros foram retirados dando espaço para os módulos e apostilas elaboradas pelos professores.

Ao analisar estes materiais, foi possível estabelecer uma breve comparação entre os conteúdos nestes materiais. A comparação entre conteúdos pode-se evidenciar as alterações ocorridas no currículo destas turmas. É importante ressaltar que a composição dos currículos está inter-relacionada com as competências que se deseja que o estudante necessita ter ao concluir o ano letivo.

Os livros comparados são respectivamente dos anos 2001, 2009 e 2013 (o material de 2013 na verdade apostila). No primeiro livro, os conteúdos são trabalhados semelhantes as turmas regulares, porém de forma mais sintética. Cada capítulo é acompanhado por uma breve introdução que tenta aproximar os assuntos a serem estudados a assuntos do dia-a-dia. O livro trabalha tanto os aspectos físicos quanto os aspectos humanos. Os exercícios envolvem sugestões de pesquisas e atividades problemas, ou seja, questionamentos falam sobre algumas dificuldades presentes nos assuntos. Os estudantes ao invés de simplesmente copiar as respostas do livro são obrigados a raciocinar para obter a solução da questão problema. Com base nestes dados, este primeiro livro atende a uma ementa que pretende desenvolver nos estudantes da EJA as mesmas competências para estudantes que fazem parte de outra modalidade de ensino.

O segundo livro é do ano 2009 apresenta muitas características diferentes do livro anterior. Este exemplar é constituído por textos reduzidos, maior quantidade de



questões, estas exigem que os estudantes trabalhem tanto individualmente, quanto em grupo. Este material utiliza como método a leitura de imagens. Os conteúdos da geografia, trabalhado pelo material são principalmente os aspectos sociais e humanos, desprezando as influências que os aspectos físicos exercem sobre a vida destas pessoas. O livro é multidisciplinar, o que significa que todos os conteúdos são resumidos.

A análise deste segundo material demonstra que a objetividade que a ementa efetuou no currículo visando facilitar o conhecimento dos estudantes. Esta formulação implicou na precarização de conteúdos geográficos. Ainda assim, é possível identificar um alto padrão de qualidade para este material.

Ao verificar o módulo utilizado hoje para a EJA observou-se muitas alterações no material didático, na qual se destaca a reformulação curricular, onde todas as ciências humanas estudadas na escola foram reduzidas para uma única disciplina: humanas. Algumas mudanças também ocorreram com as demais disciplinas. O tema globalização é trabalhado em todas as unidades do ano letivo, em diferentes perspectivas, todavia, nenhuma destas perspectivas abrange os aspectos físicos do espaço.

Em entrevista com alguns estudantes foi questionado qual seria a importância que eles acreditavam que a Geografia poderia ter sobre suas vidas. Em consenso todos responderam: nenhuma. Ou seja, as adaptações feitas no currículo não exercerá nenhuma influência para a vida daqueles estudantes.

Quanto ao uso do livro didático, os estudantes permaneceram numa situação acomodada, apenas recebendo passivamente as informações da professora. Até o presente momento da observação em campo, os mesmos nunca tinham se questionado sobre o porquê deles não terem o livro didático como os estudantes de outras modalidades.

A minoria dos estudantes gosta da disciplina de Geografia e, durante o questionamento sobre as aulas, uma das estudantes confessou: “Eu não tenho paciência, não gosto de Geografia, eu não gosto das aulas, eu só vou por que...”. Esta é uma situação preocupante, pois, contradiz o que Mizukami (1986) na abordagem sócio-cultural da didática, define como construção do conhecimento que é o processo de



reflexão somado à consciência. A consciência seria, segundo a autora, “um processo de autoconstrução do homem”. Ela vai desde a noção de só saber que existem até a noção de existência e a capacidade de intervenção no contexto onde o ser humano está contido. A educação é a regente do processo de evolução da consciência e desenvolvimento da reflexão. Nas turmas observadas foi perceptível que da forma que o conteúdo da disciplina é lecionado pode até desenvolver a consciência sobre alguns assuntos, contudo, não dá conta de direcionar os estudantes para a reflexão, ou seja, é ineficiente para a construção do conhecimento.

5. Considerações finais

A situação contemplada durante a observação realizada direciona para muitas reflexões, entre elas estão: as questões sobre as políticas educativas; a importância da articulação do corpo escolar para amenizar os déficits provocados pelas más aplicações das políticas educacionais; e o desafio do professor em exercer uma atividade de qualidade frente a todos estes problemas.

A EJA, apesar de todos os entraves existentes, é um projeto importante que precisa de ajustes para que possa atender os objetivos pelo qual fora criado, visto que esta oferece uma nova oportunidade para jovens e adultos que, por motivos afins, não concluíram os seus estudos no período regular.

O livro didático neste contexto configura-se como um importante recurso, capaz de contribuir tanto para aula do professor quanto para construção conhecimento dos estudantes, podendo também ser um auxílio para se alcançar os objetivos estabelecidos pelo projeto da EJA.

Por mais desmotivados que os estudantes da EJA pareçam ser, eles vê na educação, pelo simples fato de estar na escola, uma oportunidade de ter uma vida melhor. A remoção do livro didático para as turmas da EJA parece ser um problema prestes a ser desenvolvido, já que no próximo ano Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) disponibilizará o material novamente, no entanto, espera-se que esta não seja a única mudança do governo para o beneficiamento da EJA.



IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

A partir do momento que o Estado, escola, professores e estudantes começarem a trabalhar coletivamente, a educação de modo em geral terá avanços. Enquanto todos estes componentes trabalharem de forma dissociada, todas as ações tomadas por qualquer uma das partes servirá meramente para a remediação e não solução dos problemas.

6. Referências

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. 8 ed. Campinas, SP: Papirus, 2002.

BRAGA, Maria Cleonice Barbosa Braga. A Geografia no ensino fundamental: o instituído e os instituintes (oficiais e não-oficiais). In: BRAGA, Maria Cleonice Barbosa Braga. **Aprender a ensinar Geografia: a visão de egressos do Curso de Pedagogia da UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana)**. São Carlos, SP, UFSCar: 2006.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 2 ed. Porto Alegre: Mediação, 2002.

JÚNIOR, Xisto Serafim de Santana de Souza; LOBODA, Carlos Roberto; PEREIRA, Martha Priscila Bezerra. O método qualitativo e trabalho de campo na formação do Profissional de Geografia. **Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos Crise, práxis e autonomia: espaços de resistência e de esperanças - Espaço de Socialização de Coletivos**. Realizado de 25 a 31 de julho de 2010. Porto Alegre - RS, 2010.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre a educação de adultos**. São Paulo: Editora Cortez, 2003.

STRAFORINI, Rafael. **Ensinar geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais**. 2 ed. São Paulo: Annablume, 2006.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.